

# A RETOMADA ANAFÓRICA DOS PRONOMES CLÍTICOS ACUSATIVOS DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Larissa Santos <sup>1</sup>  
João Paulo Lazzarini Cyrino<sup>2</sup>  
Danniel da Silva Carvalho<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o uso da retomada anafórica do pronome clítico acusativo de terceira pessoa no português brasileiro (PB). Foi observado o comportamento semântico do pronome clítico e seu antecedente/referente. Fazemos, inicialmente, uma discussão acerca das definições dos pronomes clíticos a partir das gramáticas tradicionais e discutimos alguns trabalhos (DUARTE, 1989; CYRINO, 1994, 1996; PAGOTTO, 1996; GALVES, 2001; SCHEI, 2003) que retratam os pronomes clíticos de terceira pessoa no PB. Partindo disso, nossa hipótese inicial é a de que a realização de pronomes anafóricos de terceira pessoa está ligada à leitura definida e específica de seus antecedentes, já observada em trabalhos anteriores (cf. CERQUEIRA, 2015; OTHERO E SPINELLI, 2017; CARVALHO, 2008). Foi feito um levantamento da estratégia de retomada anafórica do clítico acusativo de terceira pessoa em PB, observando o comportamento semântico do pronome clítico e seu antecedente/referente através da montagem de um banco de dados coletado em redes sociais como o *facebooke* o *twitter*. Os traços que foram considerados relevantes para o condicionamento da escolha da estratégia de retomada anafórica são os de *Animacidade* [+a], *Especificidade* [+e] e *Definitude* [+d]. Após a descrição dos dados, pôde-se constatar que esses traços não são fundamentais para a retomada dos pronomes clíticos de terceira pessoa no PB.

**Palavras-chave:** Retomada anafórica, Pronome terceira pessoa, Clítico.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTAÇÃO

A retomada anafórica pode ser entendida como a realização de um elemento pronominal (realizado ou não) que faz referência a um termo antecedente na sentença.

<sup>1</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia - UFBA, [larydlt@yahoo.com.br](mailto:larydlt@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, [jpcyrino@gmail.com](mailto:jpcyrino@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, [dannielsilvacarvalho@gmail.com](mailto:dannielsilvacarvalho@gmail.com)

Segundo a literatura linguística, há, no português brasileiro, três estratégias de retomada anafórica do objeto direto pronominal: com o pronome clítico, como ilustrado em (1), com o pronome pleno, como em (2), e com a categoria vazia, como em (3):

- (1) O menino está estudando, deixe **o** em paz!
- (2) João disse que ia à praia, mas não encontrei **ele** por lá
- (3) Maria me deu um livro, mas eu não consegui ler **Ø** ainda.

A gramática tradicional associa a retomada anafórica ao uso prescritivo de pronomes átonos, como em (1), na terminologia convencional, ou clíticos acusativos, a partir de uma metalinguagem da teoria linguística desconsiderando, na maioria das vezes, as demais estratégias, como nos exemplos (2) e (3), (cf. ALI, 1966; CINTRA; CUNHA, 1998; NEVES, 2002; BECHARA, 2009).

A preferência pelas estratégias em (2) e (3) em PB, em detrimento ao uso dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa, tem sido discutida por diversas pesquisas nas mais diversas filiações teóricas linguísticas (cf. DUARTE, 1989; CYRINO, 1994, 1997; OLIVEIRA, 2007; PIVETTA, 2015; PINTO E COELHO, 2016; CASAGRANDE, 2007, 2012; AYRES, 2016; AYRES E OTHERO, 2016). Este trabalho se caracteriza como um estudo da retomada anafórica com clítico acusativo de terceira pessoa em PB e concentra-se na descrição de aspectos semânticos que possam estar relacionadas à ocorrência dessa estratégia.

Partiremos hipótese de que a distribuição das estratégias de retomada anafórica de terceira pessoa no PB (clítico acusativo, pronome pleno ou categoria vazia) seja condicionada por alguns traços semânticos e gramaticais de seu antecedente.

Consideramos como traços relevantes para a discussão feita no presente trabalho os traços de [*animacidade*]<sup>4</sup>, [*especificidade*]<sup>5</sup> e [*definitude*]<sup>6</sup>, já analisados em estudos anteriores, como os de Cyrino (1994), Carvalho (2008), Cerqueira (2015), Spinelli (2017).

Nos trabalhos sobre o tema no PB, Duarte (1993) e Cyrino (1993) afirmam que a *animacidade* do referente interfere na escolha de retomada anafórica de terceira pessoa nessa língua: referentes animados exigem retomada anafórica realizada

<sup>4</sup>Segundo Spinelli (2016), o traço de *animacidade* é designado aos seres que apresentam algum tipo de vida, como gatos, cachorros etc.

<sup>5</sup>*Especificidade* é a possibilidade de particularizar o referente (cf. CERQUEIRA, CARVALHO, 2018a, 2018b; CERQUEIRA, 2019).

<sup>6</sup>*Definitude*, de acordo com Cerqueira (2015), é tudo que ouvinte consegue identificar.

pronominalmente, enquanto objetos nulos<sup>7</sup> devem ter como referente um ser inanimado. Cyrino (1997), retomando a discussão sobre o condicionamento semântico do antecedente na retomada anafórica, aponta a necessidade de uma combinação do traço de *animacidade* com *especificidade* como condição para a distribuição das estratégias. Para a autora, um referente que possui os traços [+animado, +específico] não pode ser retomado por um objeto nulo. Observe em (4a e 4b):

(4a) Olha q lindo q ta o meu Logan, o meu cachorrinho, perto da irmanzinha. Ansiosa para pegalo.

(4b) Olha q lindo q ta o meu Logan, o meu cachorrinho, perto da irmanzinha. Ansiosa para pegar.

Os exemplos (4a) e (4b) possuem o referente [+animado] e [+específico], *Logan*, o cachorrinho [+animado], ou seja, ele é animado e sua leitura é claramente específica, pois o cachorro em questão é *Logan*, e o pronome possessivo *meu* o particulariza.

Creus e Menuzzi (2004) acionam outro traço na escolha da estratégia de retomada anafórica. Segundo os autores, “os efeitos dos traços de *animacidade* e *especificidade* mencionados podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre antecedentes que possuem e os que não possuem *gênero semântico*<sup>8</sup>” (Creus e Menuzzi, 2004, p. 150).

No presente estudo, analisamos dados extraídos das redes sociais *Facebook* e *Twitter* e os analisamos classificando os antecedentes em termos dos traços de *animacidade*, *especificidade* e *definitude*. A esses traços foram atribuídos um valor demais (+) ou menos (-), conforme o caso. A partir dessa análise, discutimos quais desses traços podem ser condicionantes para retomada anafórica dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa do português brasileiro.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1.2 apresento a fundamentação teórica, na qual há definições de pronomes clíticos na gramática tradicional e o que dizem alguns trabalhos sobre a retomada anafórica do clítico na terceira pessoa do português brasileiro, na seção 2, é exposta a metodologia utilizada, a

<sup>7</sup>Objeto nulo é uma categoria vazia decorrente do apagamento de uma forma clítica ou plena, equivale apenas ao apagamento do DP e possui verbo diferente do verbo da sentença matriz (cf. CYRINO, 1994; FIGUEIREDO SILVA, 2009).

<sup>8</sup>*Gênero semântico* diz respeito, de acordo com Othero e Schwanke (2017), ao traço que diferencia os substantivos que denotam os seres sexuados e seres não sexuados.

seção 3 apresenta a análise e discussão do fenômeno. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo as gramáticas tradicionais, os pronomes clíticos são pronomes pessoais que também podem ser designados pronomes átonos. Ali (1969) define pronome como palavra que indica o ente ou o que a ele se refere considerando-o apenas como pessoa do discurso. Segundo o gramático, os pronomes oblíquos são divididos em átonos e tônicos, e **o, a, os, as** são formas oblíquas não preposicionadas, como em:

(5) Você viu a Paula? Acho que **a** ofendi.

Cunha e Cintra (1998) relatam que as formas átonas **o, a, os, as** são próprias do objeto direto, como no exemplo abaixo:

(6) Eu **a** encontrei no quarto.

Neves (2000) menciona que o pronome “é definido como uma palavra usada no lugar do nome, indicativa de referência pessoal definida”. Segundo Neves (2000), os pronomes pessoais átonos não-reflexivos de terceira pessoa têm formas particulares. A autora também propõe que para o objeto direto seja utilizado a forma **o**, bem como suas variantes de gênero e número. Observe os exemplos (7) e (8):

(7) Em Sílvio, nem era bom pensar. Ainda que continuasse a ter por ele o mesmo sentimento de antes, riscara-**o**.

(8) Depois pegou os dois pesos com uma só mão e levantou-**os** com facilidade sobre a cabeça.

(NEVES, 2000, p.454)

Pode-se notar em (7) e (8) que os pronomes clíticos **o** e **os** têm referência pessoal definida e essa forma (**o/ os**), é utilizada para retomar o referente por contada particularidade existente no que diz respeito ao objeto direto. A autora menciona que “depois da forma verbal com final em vogal **-r** ou **-s**, passam a **-lo** e **-la**, respectivamente, enquanto a forma verbal perde a consoante final, conservando a sílaba tônica”. Observe nos exemplos (9) e (10):

(9) Unamo-nos, a esta adorável Cabeça, e adoremo-**la**

(10) Ela ficou calada, sentindo a alegria de tê-**lo** de volta e o medo de voltar a perde-**lo**.

(NEVES, 2000, p.454)

Em (9) e (10) pode constatar que as formas *o* e *a* sofreram alterações, pois terminam em *-s* e *-r*, respectivamente. Os pronomes assumem a forma *la* e *lo* ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida.

As gramáticas tradicionais impõem a utilização de pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa para a realização da retomada anafórica (cf. ALI, 1969; NEVES, 2000; CUNHA; CINTRA, 1998 entre outras). Embora a retomada anafórica com pronome pleno e objeto nulo seja usada com muito mais frequência na língua em uso, como podemos perceber enquanto falantes da língua, as gramáticas normativas sequer mencionam como possibilidade coloquial.

Dentro dos estudos linguísticos, segundo Duarte (1989), a maioria dos trabalhos se atém a descrever sincronicamente o posicionamento dos pronomes clíticos, o objeto nulo e o pronome pleno e a forma que ele se comporta em relação às outras línguas românicas. A autora menciona que no português falado do Brasil ocorre, cada vez mais, a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa pelo pronome lexical, por SNs (sintagmas nominais) anafóricos ou por uma categoria vazia. Também observa os contextos linguísticos e extralinguísticos que estariam atuando na realização dessas variáveis. Em relação ao condicionamento semântico, a autora sugere que o traço +/- animado é de extrema importância para a escolha da variante, tendo o traço + animado maior correlação com a ocorrência do clítico acusativo.

De acordo com Duarte (1989), ainda que essas formas sejam impostas pela gramática normativa, para os falantes, na forma coloquial, os pronomes plenos apresentam-se de forma mais espontânea:

(11) Coitada da menina! Deixa **ela** em paz!

(12) Eu acho **ela** sensacional.

(13) O senhor não pode acreditar neles! Eu vi **eles** abrindo a porta do meu carro!

(DUARTE, 1989, p. 31)

Cyrino (1996) aponta, em seus trabalhos gerativistas, para a perda do clítico de 3ª pessoa em PB, relacionando-o ao aumento da ocorrência do objeto nulo. A autora observou esse declínio do clítico ao coletar dados para explicar a mudança das posições do clítico, como podemos constatar na passagem abaixo:

[c]oletei cerca de 2000 sentenças com pronomes clíticos (1ª, 2ª, 3ª, pessoas do singular e plural, acusativo, dativo e reflexivo) para a análise, no entanto, considerei apenas 1000 dados, pois novamente observei um decréscimo no uso do crítico, o que deixava desproporcional o número de dados para cada metade do século. (CYRINO, 1996, p.167)

Cyrino (1996) preocupa-se em explicitar qual clítico desapareceu no português brasileiro com a finalidade de relacionar a mudança no sistema dos clíticos à mudança no objeto nulo do PB. A autora observou nesse estudo que o clítico **o** é o primeiro a ser atingido pela mudança em tempo real, e isso a levou a hipótese sobre a origem do objeto nulo a partir da queda do clítico. De acordo com Cyrino, tais estudos parecem mostrar que a queda do clítico em PB estaria relacionada à ocorrência de objeto nulo na língua.

Duarte (1989) e Cyrino (1994) apontam que o traço de *animacidade* é fator condicionador para a escolha entre objeto nulo e pronome pleno, sendo preferência de retomada anafórica por pronome pleno quando o antecedente for [+animado] e apresentando preferência pela categoria vazia se o antecedente carregar o traço [-animado], como ilustrado nos exemplos em (14) e (15):

(14) Ontem à tarde fui visitar meu amor. Abracei muito **ele**.

(15) Alguém viu meu livro? Não vi [ ]

Em (14) nota-se que o antecedente *meu amor* tem o traço [+animado] e é retomado pelo pronome pleno. Em (15) o antecedente *meu livro* possui traço [-animado] sendo retomado por objeto nulo.

O clítico acusativo é forma menos usada na retomada anafórica, perdendo espaço no conjunto de pronomes e isso é atribuído às modificações que o quadro pronominal do PB vem passando ao longo do tempo (cf. CYRINO, 1994; DUARTE, 1989; SCHEI, 2003).

Spinelli (2016) investiga, no seu trabalho, a motivação gramatical ou discursiva que condiciona o uso de pronomes plenos, clíticos ou objetos nulos em PB falado. A respeito dos traços de *animacidade* e *especificidade*, tratando-se especialmente do século XX, pode-se perceber que, quando ambos são negativos, indicam a preferência clara pelo uso de objeto nulo como forma de retomada anafórica. No outro extremo, quando ambos os traços são positivos, o objeto nulo não é utilizado.

Segundo Ayres (2016), essas escolhas se dão por causa de traços semânticos (e talvez discursivos) do referente da anáfora pronominal e é importante analisar cada referente dentro de seu contexto, pois o valor de cada um dos traços pode mudar em cada uma das ocorrências.

Visto que os trabalhos sobre a retomada anafórica de terceira pessoa são, na sua maioria, dedicados à posição e declínio do pronome clítico anafórico, há carência de estudos sobre as estratégias de retomada anafórica de pronome clítico acusativo de terceira pessoa. Assim, acredito que o presente artigo contribui para a ampliação da literatura do tema.

## 2 METODOLOGIA

Os dados foram extraídos das redes sociais *Facebook e Twiter*, de dezembro de 2017 a abril de 2018. Este trabalho é de natureza exploratória e descritiva, adotando a proposta de Carvalho (2008) para as análises acerca de *Definitude e Especificidade*. O *corpus* utilizado foi constituído de 57 ocorrências de retomada anafórica, realizada por meio de pronome clítico de terceira pessoa. Dado o caráter exploratório deste estudo, não foi realizado o controle dos perfis dos informantes e nem verificação da origem dos falantes. Esses dados foram escolhidos por serem representações espontâneas da língua, apesar de se utilizar a escrita, as redes sociais são espaços informais, e por isso os falantes tendem a utilizar uma linguagem coloquial, sendo assim, pode-se dizer que a utilização dessa linguagem se aproxima mais da fala do que da escrita do falante (cf. MARCUSCHI, 2005). Foram observados o comportamento semântico do pronome clítico acusativo e seu antecedente/referente com a finalidade de testar a hipótese de que a distribuição das estratégias de retomada anafórica do pronome clítico acusativo de terceira pessoa no PB é condicionado por alguns traços semânticos e gramaticais de seu antecedente.

Os dados foram organizados, analisados e classificados quanto aos traços de *animacidade, especificidade e definitude*, a esses traços foram atribuídos um valor demais (+) ou menos (-), como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1- Dados de retomada anafórica pronome clítico acusativo do português brasileiro

Dados	[+/- a]	[+/-d]	[+/-e]
-------	---------	--------	--------

<b>Kelly Cadamuro deu carona para um homem, ele a matou.</b>	+	+	-
<b>Espero que dê tudo certo com o lançamento do seu livro de poemas, serei uma das primeiras a comprá-lo.</b>	-	+	+
<b>Palita que triste a história de seu filho. Tomara que vc o reencontre algum dia.</b>	+	+	+
<b>É errado eu não querer que meu pai entre comigo no dia do meu casamento? Eu o amo, mas não sinto que quero ele comigo essa hora.</b>	+	+	+

### 3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir da análise dos dados, observou-se que os traços de *animacidade*, *definitude* e *especificidade*, bem como o comportamento semântico do pronome clítico acusativo, não são elementos fundamentais para a retomada anafórica do pronome clítico de terceira pessoa.

Para essa constatação, analisamos os dados e fizemos uma discussão acerca dos traços semânticos. Partimos da proposta de Carvalho (2008), o qual menciona que, aparentemente, há traços que precisam estar presentes na realização da retomada anafórica no pronome de terceira pessoa. A partir da descrição dos dados, porém, pode-se observar que os traços [+a], [+d] e [+e] não são essenciais para a retomada do pronome clítico acusativo de terceira pessoa.

#### 3.1 ANIMACIDADE

Nesta seção, apresento os resultados referentes à *animacidade*, com a finalidade de identificar até que ponto esse traço é relevante para a retomada anafórica do clítico de terceira pessoa. Segundo Spinelli (2016), o traço de *animacidade* é designado aos seres que apresentam algum tipo de vida, como ser humano, gatos, cachorros etc. O traço animado referenciado pelo pronome de terceira pessoa tem sido considerado relevante para a escolha da estratégia de pronominalização no PB (cf. DUARTE, 1989; CYRINO, 1994; CERQUEIRA, 2015). No presente estudo foram

encontrados 30 dados com traço animado [+a] e 27 dados com traço inanimado [-a], ou seja, esses dados mostram que o antecedente é retomado por um pronome clítico acusativo independente da *animacidade*. Observe nos exemplos abaixo:

(16) Olha q lindo q ta o meu Logan, o meu cachorrinho, perto da irmanzinha. Ansiosa para pega lo. [Referente/antecedente: Logan]

(17) Olha meu bebê! O melhor momento apos a cirurgia, foi qdo eu pude pega-**lo** no colo e amamentar.[ Referente/antecedente: bebê]

(18) Às vezes você ergue um muro não para manter as pessoas longe,mas, paraver quem se importa o suficiente para quebrá-**lo**![Referente/antecedente: muro]

(19) Emprestei o livro a minha amiga, ela não quis me devolver, fui lá e peguei-**o**. [Referente/antecedente: livro]

Nas ocorrências (16) e (17), os referentes/antecedentes têm o traço [+animado], pois todos eles apresentam vida. Em (18) e (19) nota-se que os referentes/antecedentes possuem o traço [-animado], já que não é dotado de nenhuma vida.

Duarte (1989) e Cyrino (1994), nos seus trabalhos sobre o objeto nulo no PB, mencionam que o pronome pleno seria licenciado pela marcação de *animacidade*, no que diz respeito a queda do clítico no PB. Já o pronome nulo seria licenciado pelo traço inanimado. Cyrino (1994) aponta a ausência do traço *animacidade* como condição para retomada por objeto nulo.

Com base nos dados coletados, verificamos que quando os pronomes **o (s),a(s)** assumem as formas **lo(s), la(s)**, ou seja, quando o verbo está no infinitivo, podem ter o traço [+/- animado], enquanto nas formas **o(s), a(s)** o referente/antecedente tende a ser [+a].

É interessante mencionar que o estudo de Cerqueira (2015) indica que a *animacidade* também não é relevante para o condicionamento do pronome pleno de terceira pessoa em posição acusativa. *Animacidade*, portanto, não é um fator em si condicionante para a ocorrência do clítico de terceira pessoa, mas parece que a ocorrência dessa estratégia com antecedentes inanimados está atrelada ao verbo que hospeda o clítico estar no infinitivo.

### 3.2 DEFINITUDE

Segundo Cerqueira (2015), para que o DP seja definido é necessário que o valor de seu referente seja um conceito compartilhado por locutor e interlocutor, ou seja, a definitude é o que ouvinte consegue identificar.

O traço de *definitude* é considerado relevante para a retomada anafórica de terceira pessoa em diversas discussões sobre o tema (cf. CERQUEIRA 2015; SPINELLI, 2017; CARVALHO 2018). Podemos notar, a partir dos dados coletados, que o traço [+d] não é essencial para a retomada anafórica do pronome clítico acusativo de terceira pessoa, porém podemos notar uma preferência pelo referente/antecedente definido, já que só foram encontradas 2 ocorrências com [-d]. Observe abaixo, alguns dados com [+d] e [-d]

(20)“Joana, 70 anos, teve sua casa invadida, o ladrão há amarrou, torturou e **a** estuprou. [Referente/antecedente:Joana]

(21) Kelly Cadamuro deu carona para um homem, ele **a** matou.[Referente/antecedente: Kelly Cadamuro]

(22) As vezes você ergue um muro não para manter as pessoas longe, mas para ver quem se importa o suficiente para quebrá-**lo!** [Referente/antecedente: um muro]

(23) Achei uma mochila da Adidas muito braba, tenho que compra-**la.**[Referente/ antecedente: uma mochila]

Nos dados em (20) e (21) nota-se que eles possuem o traço [+d], pois nota-se que o ouvinte consegue identificar o que está sendo compartilhado. Em (20) percebe-se que foi estuprada foi Joana, assim como em (21) Kelly Kamaduro foi quem morreu.

Em (22) e (23) podemos observar que os referentes/antecedentes, muro e mochila, são genéricos e por conta disso não é possível que o ouvinte consiga identificar o que está sendo compartilhado.

### 3.3 ESPECIFICIDADE

Nesta seção, apresento os resultados referentes à *especificidade*. A *especificidade* é a possibilidade de particularizar o referente (CERQUEIRA, CARVALHO, 2018a, 2018b; CERQUEIRA, 2019).

Para Spinelli (2016) é necessário analisar os contextos sintático, semântico e discursivo em que o referente ocorre para definirmos se ele será específico ou não. Nesse estudo, baseado nos dados coletados, foi constatado que nas ocorrências

observadas apresentam a presença de traço [+e] e [-e], sendo que somente 5 ocorrências são [-e] .Vejam os exemplos:

(24) Olha meu bebê! O melhor momento apos a cirurgia, foi qdo eu pude pega-**lo** no colo e amamentar. [ Referente/antecedente: Meu bebê]

(25) quero um batom da kiko personalizado do dia dos namorados, como não tenho quem me ofereça, vou compra-**lo**. [Referente/antecedente: um batom da kiko]

(26) Kelly Cadamuro deu carona para um homem, ele **a** matou. [Referente/antecedente: Kelly Cadamuro]

(27) Dicas de como controlar os gastos e nao ficar passando cartão de débito em tuuuuudo, mas sem ter que quebrá-**lo**? Pelo amor gente me ajudem.[Referente/antecedente: cartão de crédito]

Em (24) o que torna o referente/antecedente, me bebê, específico, é o pronome possessivo *meu*, e no (25) o artigo indefinido é que torna os referentes/antecedentes, um batom, específico, porque não se trata de qualquer batom, mas sim daquele que está inserido naquele contexto. Na ocorrência (26) constata-se que o referente/antecedente Kelly Cadamuro não é específico, pois pode ser qualquer pessoa que tenha esse nome, assim como em (27) que pode ser qualquer cartão de crédito.

A partir da discussão acima observa-se que é mais comum que a retomada anafórica do clítico acusativo de terceira pessoa seja retomado por um referente/antecedente [+e], porém isso não é uma exigência como no casos dos pronomes plenos acusativos de terceira pessoa, em que é indispensável a presença deste traço ( cf. CERQUEIRA, CARVALHO,2018a, 2018b; CERQUEIRA, 2019).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, investigamos a retomada anafórica dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa, no português brasileiro.

O estudo deu-se por meio da discussão dos traços de *animacidade*, *especificidade* e *definitude* do referente/antecedente de 57 ocorrências de retomada anafórica dos pronomes clíticos de terceira pessoa. O objetivo principal foi observar o comportamento semântico do pronome clítico e seu antecedente/referente e assim,

constatar se esses traços são relevantes para a retomada do pronome clítico acusativo de terceira pessoa do português brasileiro.

Levando em conta o que foi exposto nessa pesquisa, pode-se dizer que o traço de animacidade não é revelante para o fenômeno estudado, porém a ocorrência dessa estratégia com antecedentes inanimados aparenta estar atrelada ao verbo que hospeda o clítico estar no infinitivo. Também constatamos que, para a retomada do pronome clítico de terceira pessoa do português brasileiro, os referentes/antecedentes tendem a ser específico e definido, já que foram encontrados poucos casos em que eles são [-e] e [-d].

Por fim, salientamos as limitações deste trabalho, porém, ampliaremos a discussão em pesquisa futura, na qual pretendemos analisar a configuração hierárquica dos traços que tendem a serem exigências para a retomada dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa e observar o comportamento semântico e sintático no licenciamento da retomada dos clíticos acusativos de terceira pessoa do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos.

AYRES, Ruby M.. *Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil*. Dissertação de mestrado, PUCRS, 2016.

CARVALHO, D. S. *A Estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, 2008. 154f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFAL, Alagoas.

CARVALHO, D. S. O Estatuto Morfossintático de Definitude. In: CARVALHO, D.S.; SOUSA, L. T. de. *Gramática Gerativa em Perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018, p.25-46.

CARVALHO, D. S; CERQUEIRA, Fernanda Oliveira. *O comportamento sintático-semântico do pronome pleno de terceira pessoa no português brasileiro*. Salvador: GTTG ANPOLL, 2018<sup>a</sup>

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. *Sintaxe do pronome acusativo de terceira pessoa no português brasileiro*. Dissertação (Pós-graduação em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, UFBA, Bahia. 2015.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. *O pronome pleno de terceira pessoa: estrutura interna e relações referenciais*. 151f. Tese (Pós-graduação em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, UFBA, Bahia, 2019.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: UEL, 1997.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Anáfora do complemento nulo na história do português brasileiro. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; RIBEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Edufba, 2006, v. 2, p. 45-72.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p.19-34.

SPINELLI, Ana Carolina. *Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado*. Porto Alegre: Tese (graduação) - Faculdade de letras, UFRS, 2016.

